

AUSÊNCIA

Eu te esperava no crepúsculo do dia
saltitante de alegria.
Saboreava cedo ainda,
o doce vinho tinto de lembranças,
no palpitar alucinante de coração apaixonado.
A hora era chegada,
na visão de tua demora
o ar opressivo se tornara.
Um denso pressentimento minha alma sufocava,
transbordante ainda ... de rubras esperanças.
Calmo, todavia,
repetia, até o ilusório convencimento,
que a demora era ... apenas um sutil vestígio da mulher amada.
O tempo, porém, marchava inexorável,
destruindo sem piedade as pálidas esperanças.
Um frio tenebroso serpenteou impetuoso
pelo dorso do corpo.
O medo com gosto amargo ocupou todos os espaços.
O desespero pelos poros escorria impregnando-se nas coisas
e as coisas apareciam assustadoras.
De instante em instante
o relógio inquisidor demarcava em seu tique-taque torturante
a agonia do tempo derradeiro.
Já então, o pressentimento era verdade
e tua ausência ... pavorosa presença de fantasma encarnado.
Trêmulo, de boca seca, a garganta estrangulada
e o coração até às têmporas batendo,
minha alma minguada de dor e cansaço
não mais suportava o peso de tua ausência.
Era ... já noite adentro

vazio de vozes ambulantes.

Na visão lúgubre da alcova encharcada
de fina umidade congelada na fria solidão,
ecoavam entre paredes impermeáveis
restos insensatos de cadavéricas esperanças.

Um grito de dor e abandono abafados
um choro seco e contido
um coração sangrando
... eis o que sobrara de mim
e ainda forças tive, diminutas no entanto, e raiva tive
que impotente se perdera na escuridão da noite.
Como o tempo permanecera triste
quando a ausência se petrificara no horizonte!

Alcides Bustillos Vilafan